

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A reinvenção do ser humano a partir da revolução das máquinas [The reinvention of the human being from the revolution of the machines]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Quadros, Bruna
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-20 08:02:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161962

A referida imagem, a partir das diferentes representações na História da Arte, apresenta variadas expressões. Leonardo da Vinci, por exemplo, ao criar a “Última Ceia” preocupou-se em revelar, de forma dramática e cênica, o que cada discípulo sentiu e expressou frente à frase do Mestre: “Em verdade, vos digo que um, dentre vós, me trairá”! Nesta representação, faz-se evidente a profunda intuição de Leonardo sobre a natureza íntima do comportamento e das reações dos homens e o poder da imaginação que o capacitou a colocar a cena ante nossos olhos. Nada havia nessa obra que se assemelhasse às representações mais antigas do mesmo tema. No mural do artista, há drama e excitação. Leonardo reverte o texto das Escrituras e esforça-se por visualizar como teria sido a cena quando Cristo revela que será traído. Assim, percebemos que a leitura da obra processa, inicialmente, a marca da subjetividade do autor ou do leitor, fundada nas experiências e na cultura de quem a produz ou de quem a frui. Lemos e/ou produzimos o que nos é significativo.

Mas, a partir do momento em que contextualizamos esta obra artística, amplia-se a leitura. Além de “ver”, passamos a “olhar”; isto é, a conhecer, a perceber, a pensar, a refletir a significar, a realmente ler com o olhar. Passamos a relacionar a nossa subjetividade à subjetividade do artista. E é nessa condição que construímos um novo olhar. E, do meu ponto de vista, esta é uma experiência sensível de comunhão, de descentralização, onde passo a conhecer-me, identificar-me e relacionar-me com o outro. Portanto, a arte é também um espaço de comunhão, pois através dela, numa perspectiva intemporal, interagem muitas pessoas centradas no mesmo tema. A convivência com a arte, mediada pelo professor, pelo artista ou conhecedor da arte, favorece a formação de pessoas mais sensíveis à sua condição humana e à sua realidade. Refletindo sobre este tema, cada um de nós poderá perguntar-se: qual é o sentido da Santa Ceia para minha família? Estarei exercitando cotidianamente a promoção da comunhão, da solidariedade e da espiritualidade?

A reinvenção do ser humano a partir da revolução das máquinas

Celso Candido de Azambuja analisa a sociedade contemporânea, diante da tecnologia, “uma invenção tão antiga e tão fundamental que transformou para sempre os destinos humanos”

POR BRUNA QUADROS



“Na verdade, a sociedade atual nada tem a temer relativamente a um suposto domínio das máquinas; isto é uma quimera. Antes, ela deveria se preocupar com aqueles que lidam e dominam as grandes máquinas sociais: da burocracia, do capital, da alienação, da comunicação, entre outras, e que poderiam estar representadas como elementos da Matrix contemporânea de dominação de amplas parcelas da população mundial.” A afirmação é do Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja que, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, em uma avaliação sobre a tensão entre seres humanos e suas máquinas, explorada no filme *Matrix*.

O reflexo da inserção dos meios tecnológicos na sociedade será discutido por Celso Candido de Azambuja, com a exibição do filme *Matrix*, de Larry Wachowski e Andy Wachowski, no dia 17 de março pela manhã, das 8h30min às 11h45min, e à tarde, das 19h30min às 22h15, na sala IG119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A programação integra o evento Uma sociedade pós-humana? Uma visão a partir do cinema, promovido pelo IHU, em preparação ao Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias, que será realizado de 26 a 29 de maio na universidade. Para saber mais sobre o evento, acesse: www.unisinos.br/ihu.

Celso Candido Azambuja é mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, é coordenador do curso de Filosofia da Unisinos.

IHU On-Line - O filme *Matrix* revela uma realidade na qual as máquinas possuem domínio sobre os homens. Quais são as implicações deste fenômeno para a sociedade atual?

Celso Cândido - *Matrix* revela, através de um realismo tecnofuturista, uma perspectiva altamente complexa da experiência humana atual. É um filme que explora a tensão entre os seres humanos e suas máquinas. A sociedade de *Matrix*, no deserto de suas ruínas, está dominada por um sistema de máquinas inteligentes. Elas impõem aos homens e mulheres uma escravidão brutal: os indivíduos não são mais que “energia” para satisfação das necessidades das máquinas. E o que torna esta dominação ainda mais terrível é o fato de que, como diz Morpheus, o líder dos heróis da resistência e da insurreição, estes indivíduos são “escravos sem saber”. Mas é preciso ressaltar que não existe somente o “domínio das máquinas”. Há, também, resistência, insurreição, revolta e organização humana, com seus conflitos, paixões, desejos, traições. Existe disputa, confronto, inconformismo, além de um movimento de luta incessante ao logo do filme, culminando, por sinal, com a aparente vitória humana (e do amor) sobre as “máquinas diabólicas”. Na verdade, a sociedade atual nada tem a temer relativamente a um suposto domínio das máquinas; isto é uma quimera. Antes, ela deveria se preocupar com aqueles que lidam e dominam as grandes máquinas sociais: da burocracia, do capital, da alienação, da comunicação, entre outras, e que poderiam estar representadas como elementos da *Matrix* contemporânea de dominação de amplas parcelas da população mundial.

IHU On-Line - O homem já se utiliza de muitos meios “artificiais” no seu cotidiano. Estamos perdendo espaço para os meios eletrônicos?

Celso Cândido - A tecnologia é uma invenção propriamente humana; uma invenção tão antiga e tão fundamental que transformou para sempre os destinos humanos. Para o bem e para o mal, certo ou errado, a experiência humana na sociedade contemporânea seria inconcebível sem as tecnologias:

“O humano é uma espécie mutante, evolutiva, poderosa. Seus brutais instintos de domínio e destruição não são facilmente controláveis. Além disso, todos vivemos hoje sob o fantasma de virtuais guerras nucleares, de aumento da miséria e da violência urbana, de destruição bioambiental”

médicas, culturais, militares, científicas, estéticas. Soaria algo insensato propor um retorno à natureza, a uma natureza humana original, essencial, como se esta pudesse ser definida em alguma ideologia, ou perspectiva teórica. O humano é uma espécie mutante, evolutiva, poderosa. Seus brutais instintos de domínio e destruição não são facilmente controláveis. Além disso, todos vivemos hoje sob o fantasma de virtuais guerras nucleares, de aumento da miséria e da violência urbana, de destruição bioambiental. Absurda situação contra a qual nada nem ninguém consegue resolver em níveis minimamente satisfatórios. Este quadro não se refere só a este ou àquele país, este ou aquele continente: é o quadro da realidade global planetária, com aspectos certamente muito mais trágicos nas regiões e países mais pobres.

Ao mesmo tempo, o mundo está repleto de vida, vitalidade, de força, de vigor, mesmo e às vezes, muitas vezes, naqueles segmentos desfavorecidos ou carentes. A espécie humana conquistou o planeta terra e dá os primeiros passos para a conquista espacial. Os meios de comunicação, o cinema, a literatura, a moda, as artes plásticas, a música, a filosofia e a ciência contemporânea se desenvolveram espantosamente. Existe uma abundância e uma riqueza monumental no mundo de hoje também. Sem dúvida, vivemos em um ambiente repleto de meios eletrônicos. Entretanto, não se trata simplesmente de perder espaços para os meios eletrônicos. O que acontece é que a humanidade está reinventando o conjunto de suas relações cotidianas, afetivas, profissionais, educacionais a partir da emergência destes meios. É todo um processo emergente cujo desfecho final é impossível prever. O mais importante, em todo caso, é o modo criativo como as pessoas e as instituições, especialmente as educacionais, deveriam reinventar estas novas relações.

IHU On-Line - Muitas pessoas ainda se fecham para as novas tecnologias, embora estas surjam com o intuito de tornar tudo mais fácil. Estamos preparados para imergir neste novo conceito de sociedade moldado pela cibercultura?

Celso Cândido - O ser humano é uma espécie adaptativa. Atualmente, estamos explorando e nos adaptando às novas tecnologias. A intelectualidade letrada ainda guarda certo preconceito, e às vezes até certo ressentimento, em relação às mídias eletrônicas da cibercultura. McLuhan¹ já o disse quando se tratava do “gigante tímido” que era a televisão. Infelizmente, poucos ouviram ou entenderam McLuhan e ainda hoje o enorme potencial cultural e educativo da televisão continua re-

1 **Herbert Marshall McLuhan** (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). (Nota do IHU On-Line)

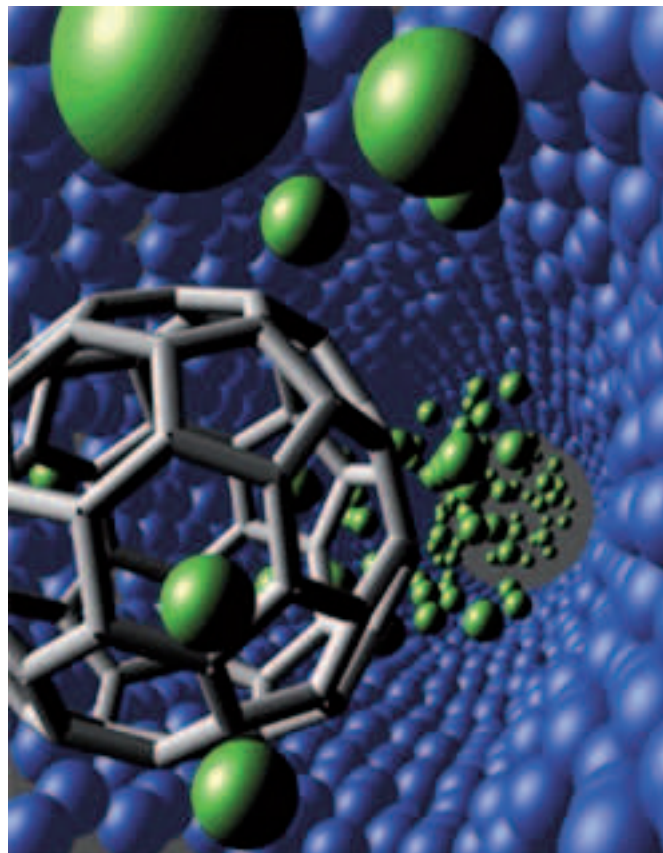
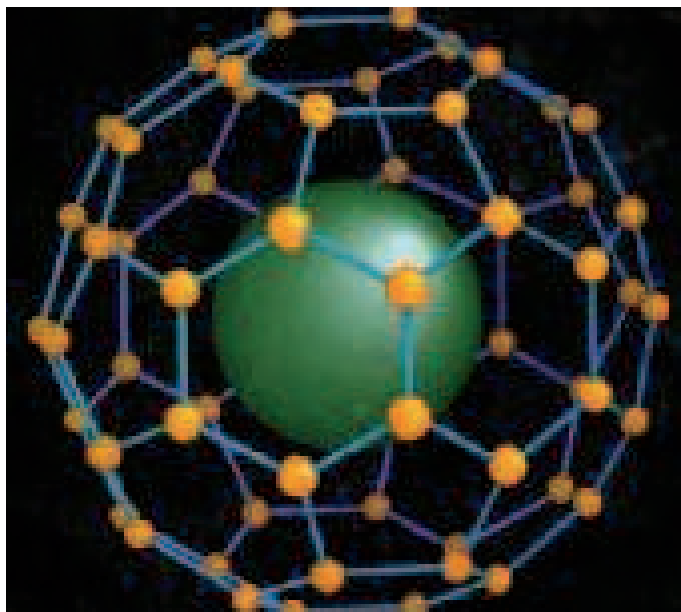
lativamente estagnado. De outro lado, muitos indivíduos ou não podem por razões socioeconômicas ou simplesmente se sentem incapazes de mergulhar na cibercultura. É difícil responder se as gerações que nasceram e se formaram na cultura literária ou massmediática, típicas do século XX, as quais hegemonizaram, por meio principalmente da indústria do livro e da televisão, a produção das significações imaginárias sociais, estão preparadas para a cibercultura. No entanto, o que parece certo é que as novas gerações estão se adaptando de um modo muito simples e natural aos novos paradigmas tecnoculturais impostos pela comunicação e pela cultura digital. No fundo, a cibercultura representa um grande potencial civilizatório para a humanidade. Mas ainda precisamos aprender a cultivá-la.

IHU On-Line - Sabemos que os avanços tecnológicos podem contribuir, e muito, principalmente com a ciência e a medicina. No entanto, a idéia do filme não nos remete a uma estagnação, tendo em vista que deixamos ter utilidade, diante do “mundo das máquinas”?

Celso Cândido - No filme, somos úteis aos propósitos das máquinas. A Matrix projeta um mundo virtual em relação ao que todos o vivem como sendo a própria realidade. É o império do simulacro. Entretanto, os humanos organizam sua resistência, lutam para transformar sua situação. Neste sentido, o filme passa uma mensagem na qual, finalmente, os humanos saem-se vitoriosos. Em certo sentido o filme é otimista, apesar de todos os aspectos críticos que ele releva.

IHU On-Line - É possível acreditar em um domínio das máquinas sobre os humanos? Que perspectivas podemos adotar, diante deste tema?

Celso Cândido - Do ponto de vista da filosofia, e não do da ficção, a questão colocada em termos de homens *versus* máquinas, máquinas *versus* homens é inadequada. Pois é impossível apreender a realidade de nosso tempo pressupondo esta contradição pouco dialética, quando o que acontece é exatamente o inverso. As máquinas,



“Para o bem e para o mal, certo ou errado, a experiência humana na sociedade contemporânea seria inconcebível sem as tecnologias: médicas, culturais, militares, científicas, estéticas”

as tecnologias, são extensões das habilidades e capacidades humanas. Os indivíduos estão cada vez mais fascinados pelas tecnologias contemporâneas; eles as desejam cada vez mais para ver, voar, andar, correr, amar, comunicar, criar. A sociedade atual não tem nada a ganhar “condenando” a atitude dos jovens e adultos e seu sempre crescente apetite por tecnologias. Mas tem certamente muito a perder, se não for capaz de inventar relações sociais, políticas e ambientais, culturais e educacionais, mais ricas do que aquelas que vimos experimentando na cultura de massas. Prefiro pensar esta tensão entre máquinas e seres humanos em um sentido mais metafórico. Assim, Matrix poderia ser considerada uma metáfora da condição humana contemporânea e, deste modo, como

metáfora das grandes máquinas que hegemonizaram e dominaram e dominam mais ou menos despoticamente os indivíduos no mundo contemporâneo, escravizando-os e alienando-os de seus inerentes potenciais humanos. Vivemos ainda hoje um período de escravidão física e mental para muitos seres humanos sobre o planeta. Escravizados por forças aparentemente invisíveis, mas de efeitos poderosos. Hoje e ontem, os seres humanos dominam e dominaram as máquinas reais. Estas são instrumentos de trabalho, de pesquisa, de comunicação, de cura e cuidado, de cultura. Instrumentos nas mãos humanas. Então, gostaria de propor uma inversão paradoxal e provocativa. Ao invés de diabolizar as máquinas, mais valeria nos perguntamos: o que nós, enquanto indivíduos, estamos

fazendo com estas máquinas, o que poderíamos e o que deveríamos fazer? Os meios tecnológicos são extensões dos humanos, e dificilmente um dia serão seus inimigos. O que ainda ontem ocupava um outro tempo, como os auditórios para ouvir música, os cinemas para assistir filmes, as bibliotecas para ler livros, hoje carregamos tudo no bolso em algum dispositivo nanotecnológico. O mais importante, a meu ver, são as grandes e diversas possibilidades culturais e educacionais presentes em tal universo tecnológico. Ainda estamos na pré-história de uma educação e da cultura digital *on-line*. Assim, é preciso insistir na pergunta: o que diante de tais potencialidades podemos e devemos fazer? Em todo caso, hoje e sempre, o futuro da humanidade pertence à própria humanidade.

VOCÊ JÁ IMAGinou QUE ALGUM DIA FALARÍAMOS EM FUTURO PÓS-HUMANO? OU, ALGO MAIS SURPREENDENTE, QUE HOMENS E MÁQUINAS PODERIAM SER UM SÓ: HÍBRIDOS?



ESSA DISCUSSÃO ESTARÁ PRESENTE NAS CONFERÊNCIAS E MINI-CURSOS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL UMA SOCIEDADE PÓS-HUMANA? POSSIBILIDADES E LIMITES DAS NANOTECNOLOGIAS. O EVENTO ACONTECERÁ NA UNISINOS ENTRE OS DIAS 26 E 29 DE MAIO DESTE ANO. A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO ENCONTRO JÁ PODE SER CONFERIDA ATRAVÉS DO NOSSO SÍTIU WWW.UNISINOS.BR/IHU.